

A falta de segurança pública mata a saúde

Ambientes dominados pela violência e pelo medo geram efeitos profundos e duradouros sobre o corpo e a mente, comprometendo redes de cuidado

Francisco Balestrin

Médico e presidente da Federação e do Sindicato de Hospitais, Clínicas, Laboratórios e Estabelecimentos de Saúde do Estado de São Paulo (FeSaúde-SP e SindHosp)

No filme da campanha publicitária “The Lost Class”, um defensor de armas de fogo foi convidado para fazer um discurso de formatura “simbólica” para 3.044 cadeiras vazias, exatamente o número de alunos vítimas da violência armada nos EUA em 2021. Ao chamar atenção para vidas tão jovens ceifadas pela violência, a campanha levantou uma questão séria que extrapola fronteiras e atinge todo o globo, com efeitos devastadores sobre as famílias e empresas, para a economia e o futuro.

A violência sempre acompanhou a humanidade e está presente na passagem bíblica que levou à morte de Abel pelo seu irmão, Caim, considerado o primeiro registro de homicídio da

história. Passados quase 6.000 anos, o impacto econômico mundial da violência atingiu, em 2023, US\$ 19,1 trilhões —o equivalente a 13,5% do PIB global, ou US\$ 2.380 por pessoa, segundo o Global Peace Index 2024.

Na América Latina e no Caribe, o gasto no combate ao crime representa o dobro dos orçamentos destinados à assistência social, 12 vezes o que é dirigido a pesquisa e desenvolvimento e 80% dos orçamentos públicos que os países destinam à educação. A região, que abriga 8% da população mundial, concentra um terço de todos os homicídios registrados no planeta, de acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). No Brasil, especificamente, a vi-

olência abocanhou 11% do Produto Interno Bruto (PIB), ou mais de R\$ 1 trilhão em 2023. Entre outros números, o país registrou um caso de estupro a cada seis minutos; dois roubos ou furtos de celulares por minuto; e 46.328 mortes violentas intencionais. Os dados são do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024. Esse cenário faz da violência, hoje, a principal preocupação dos brasileiros.

Em suas múltiplas formas —urbana, doméstica, institucional—, a violência é também uma epidemia. Como toda epidemia, exige vigilância, resposta articulada e, sobretudo, compromisso com a dignidade humana. Ambientes dominados por ela, pela falta de segurança e pelo medo geram efeitos profundos e duradouros

Em suas múltiplas formas, a violência é também uma epidemia. Como toda epidemia, exige vigilância, resposta articulada e, sobretudo, compromisso com a dignidade humana

sobre o corpo e a mente. Comunidades são silenciadas; serviços, paralisados; redes de cuidado se fragmentam e impedem a prevenção. A insegurança pública, portanto, nos adocece.

Abordar a temática da segurança pública é defender vidas. E falar de vida é, inevitavelmente, falar de saúde. Por isso, é importante analisar o problema de forma ampla, integral e conectado com os chamados determinantes sociais que verdadeiramente levam à satisfação das pessoas, como educação, moradia, saneamento básico, emprego, renda, alimentação, cidades e locais de trabalho mais saudáveis, proteção ao meio ambiente, cultura e lazer, entre outros.

Papa Francisco, liderança que defendia a humildade, a tolerância e a inclusão, dizia que “apenas os que dialogam podem construir pontes e vínculos”. Territórios mais seguros precisam ser construídos com a presença do Estado, através do diálogo com a sociedade e de políticas integradas, abrindo caminhos para que a saúde floresça e novas oportunidades sejam criadas, principalmente para os jovens. Segurança pública não é só polícia. É política. É planejamento. É, acima de tudo, cuidado.